

Projeto Centro de Cultura na Comunidade Rural Negra de Bom Sucesso – Município de Novo Oriente – Ceará.

Henrique Cunha Jr. (UFC) hcunha@ufc.br
Maria Estela Rocha Ramos. (UFC) mariaestela@terra.com.br
Norval Cruz. (Tempo Livre) norvalcruz@uol.com.br

Resumo

Este artigo apresenta e discute a experiência da concepção e projeto de um Centro de Cultura numa comunidade negra rural, com estatuto de comunidades tradicionais afrodescendentes, localizada no interior do Ceará. O projeto do centro é uma atividade multidisciplinar, com base nas culturas de matriz africana, com enfoque na territorialidade e na cultura material e imaterial local. Parte de atividades de pesquisa participantes na área de educação brasileira. O processo de estudo do projeto e decisão sobre a edificação e das atividades previstas é realizado em estreita e contínua colaboração entre o corpo técnico e a comunidade rural através de reuniões e atividades lúdicas. A compreensão do sentido da tecnologia voltado para o desenvolvimento social é fundamental para elaboração do projeto. As atividades realizadas servem de reflexão para a formação de profissionais das áreas tecnológicas quanto à apropriação da cultura e compreensão do papel social de engenheiros e arquitetos.

Palavras-chave: Cultura negra, Centro de Cultura, Construção em Taipa Renovada, Papel social da tecnologia.

1. Introdução

No âmbito do programa de pós-graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, e nas diversas ações sociais que temos desenvolvido ao longo dos últimos seis anos na Organização Não Governamental Tempo Livre, Local de Cultura e Ancestralidade Africana temos trabalhado com movimentos sociais negros e com comunidades de remanescentes de quilombos ou comunidades negras rurais. Dentro das pesquisas realizadas, desenvolvemos os conceitos de afrodescendência e de territórios de maioria afrodescendente (CUNHA, 2000) e (CUNHA, 1999). O conceito de afrodescendência foi elaborado para dar conta da existência de uma população de descendência africana, denominada nas estatísticas do IBGE, de maneira separada, de pretos e pardos. O conceito tem a nítida intenção em fugir dos critérios classificatórios de fundo biológico, partindo para um conceito de formato histórico-sociológico. A abordagem de territórios de maioria afrodescendente é para permitir uma abordagem das áreas de população afrodescendente com base no conceito de espaço socialmente construído do professor Milton Santos (SANTOS, 1996). Nestes territórios de maioria afrodescendente temos discutido temas como cultura, habitação e urbanismo, equipamento urbano, construção de escola, a relação entre planejamento cultural e população e mais recentemente a especificidade da criança negra e da sua educação formal e informal (DAMIÃO, 2005), (RAMOS, 2005) e (VIDEIRA, 2005).

Nestes trabalhos, temos realizado uma militância profissional de intervenção associada às questões dos movimentos sociais afrodescendentes, ao desenvolvimento social sustentável e solidário e ao uso do conhecimento tecnológico.

Este artigo tem como finalidade apresentar um estudo de caso, o do projeto de um Centro de Cultura para uma comunidade negra rural do interior do Estado do Ceará. O projeto foi concebido para a Associação de Moradores da Comunidade de Bom Sucesso e financiado pelo Governo do Estado do Ceará no âmbito do Projeto São José, que por sua vez é uma ação do Banco Mundial para desenvolvimento rural (GOVERNO DO CEARA, 2005).

Na análise do projeto pretendemos destacar os aspectos inovadores deste projeto com relação aos demais projetos de financiamento da mesma ordem e com a mesma intenção de desenvolvimento rural. Este projeto tem o enfoque da cultura articulado a idéias de desenvolvimento e ainda trata da cultura de base africana, ou seja, a cultura denominada como cultura negra. Prevê uma inserção nos aspectos da cultura regional e trabalha o processo projetual em estreita relação com os anseios da comunidade.

Destacamos escassez de enfoques de intervenções tecnológicas, em engenharia e arquitetura, no Brasil, que levem em conta os aspectos da territorialidade, da cultura e da construção solidária aos anseios e cultura da população.

2. O início da história.

O início remoto deste projeto tem origem em dois fatos importantes. O primeiro é devido à existência de um movimento nacional de comunidades de remanescentes de quilombos e do reconhecimento pela constituição brasileira de 1988 das comunidades tradicionais e da responsabilidade do estado na manutenção e no desenvolvimento do patrimônio material e imaterial dessas comunidades. Desde de 1988, com um aprofundamento em 1995, o Estado Brasileiro desenvolve atividades de titulação de terras, assistência e desenvolvimento das comunidades negras rurais e dos remanescentes de quilombos. Em razão da realização da Conferência Mundial de Combate ao Racismo e Práticas Correlatas, em 2001, na cidade de Durban, África do Sul, os organismos internacionais, dentre eles o Banco Mundial firmaram propósitos de intervenção de desenvolvimento sustentáveis nas áreas de quilombos. Assim o Banco Mundial, através da sua agência regional do nordeste, tem procurado dar respostas às reivindicações das populações de comunidade negras rurais e remanescentes de quilombos. Dificuldades diversas no cumprimento desta missão têm surgido, desde localização das comunidades, da regulamentação desta e de encaminhamento do auxílio técnico. Uma das dificuldades é de diálogo técnico e de encaminhamento dos projetos. Existe um vácuo burocrático e conceitual entre a exigências de formalidades do Banco, transmitidas aos governos estaduais e às comunidades negras rurais.

No final de 2004, a partir de um contacto nosso com o Governo do Estado do Ceará é que se colocava o desafio em elaborarmos um projeto de financiamento para construção de dois centros de cultura negra em comunidade negras rurais do Ceará. O projeto tinha um caráter inovador. O projeto estava alocado na esfera dos projetos de desenvolvimento rural, numa linha de financiamento denominado projeto São José, com quase mil projetos realizados ao longo dos últimos quatro anos, mas que nunca tinha levado em conta a variável cultura e sem ter dado o enfoque de população negra aos projetos. Os projetos tinham o teto de financiamento de R\$ 120.000,00 (Cento e vinte mil reais) para todas atividades que seriam desenvolvidas em um ano.

No final de 2004 trabalhamos uma metodologia para elaboração do projeto que constava basicamente de um enfoque multidisciplinar sobre o território, de um levantamento exploratório da memória histórica, da cultura material e imaterial e de reuniões de interação com a comunidade para explicação das dificuldades formais a serem preenchidas pelo projeto e do levantamento dos desejos gerais sobre a implantação de um centro de cultura. Nas vistas

iniciais a localidade ficou patente em um dos aspectos: da posse da terra na região. Os membros das comunidades vivem em minifúndios de propriedades de outros que não permitem a realização de espaços de associação e de convivência. A localidade não nem mesmo igrejinhas ou campinhos de futebol. Outro ponto, que é dado ao movimento migratório para as cidades, são as especialidades técnicas da cultura, como rendas de bilro, fiação e tear, que estão em vias desaparecimento. Sendo também difícil a manutenção das festas e danças e regionais pela ausência de espaços de socialização. As reuniões para discussão das intenções se deram na escola da comunidade, através de uma convocação dos membros da associação de moradores e por difusão em rádio comunitária na sede do município, e em clima de consulta e votação das propostas. Nas reuniões iniciais, foi explicada a nossa função de técnicos em áreas específicas, a natureza multidisciplinar pretendida do projeto, a nossa postura de respeito ao conhecimento e à cultura da comunidade, como também da nossa experiência em trabalhos passados com cultura negra. As reuniões foram de duas formas, com e sem a nossa presença.

3. Descrição da comunidade rural do Bom Sucesso.

Nós estamos falando de uma comunidade de quase meia centena de famílias, localizada na maioria das casas num raio de dois quilômetros nas grotas da Serra Grande, na divisa entre os estados do Ceará e do Piauí, ficando a 29 km da sede do município de Novo Oriente, distando 400 km da Capital do Estado, Fortaleza. A figura 1 ilustra a paisagem da localidade da comunidade rural de Bom Sucesso.



Figura 1 – Paisagem da localidade da comunidade de Bom Sucesso.

A história da comunidade tem como referencia oral uma instalação de pouco mais de 100 anos, sendo a pessoa mais velha na atualidade tem 86 anos, tendo nascido lá, sendo que os demais migraram para lá já adultos. A figura 2 mostra uma das reuniões com a comunidade.



Figura 2 – Reunião com a comunidade para discussão do projeto.

4. Cultura local e demandas para o projeto

Cultura negra, como cultura de uma maneira geral, tem que ser entendida como um processo dinâmico de transformações sucessivas, ligada à construção do espaço geográfico. Ou seja, utiliza algumas bases como ponto de partida, realiza diversos processamentos ligados à localidade e às condições presentes, mesclando com as influências externas. As comunidades negras rurais do Ceará não podem ser vistas como isoladas culturalmente. Os membros, por questões de mercado de trabalho, têm uma grande mobilidade espacial. Muitos moraram e têm parentes em São Paulo e Rio de Janeiro.

A cultura negra local tem a base africana pela origem remota dos habitantes da região. Esta comunidade negra rural se inicia com famílias negras emigradas do Piauí há quase um século. No passado, dado à localização geográfica, as relações comerciais da comunidade eram mais intensas com o interior do Piauí do que com o Ceará propriamente dito. Assim, a cultura tem os ingredientes da cultura de base africana do Piauí, uma cultura influenciada pela cultura sertaneja das criações de gado e da cultura nordestina. A poesia das canções tem estes ingredientes e as formas de fazer o mundo material também.

Dentro do levantamento cultural, encontramos um número reduzido de dança e de pequenas orquestras que permanecem, quase em estado de extinção. Mas realizações antigas, ou seja, no registro da memória coletiva, há muita menção à fiação e à tecelagem, lembrando a época em que região tinha uma grande produção de algodão; hoje quase completamente extinta pela

praga do Bicudo. As culturas agrícolas atuais são a do milho, do feijão e na criação predominam os caprinos.

Neste quadro, ao longo das reuniões foram se caracterizando as demandas. Nestas englobavam um local de reunião para possibilitar algumas festas, a existência de uma sala de computação, da parte da escola a organização de uma pequena biblioteca e de um acervo local, uma espécie de museu. Uma expectativa que ganhou grande evidência ao logo das conversas foi da existência de uma quadra de esportes e depois de um campo de futebol.

Como resultado das discussões chegou-se a um projeto integrado da construção de um centro de cultura, com uma área de esporte, uma pesquisa da historia oral local, a reabilitação das técnicas de fiação e tecelagem e a continuidade das atividades de renda, a realização de um conjunto de práticas esportivas associadas à formação em danças regionais. Neste ponto entra a importância da formação técnica e da compreensão multidisciplinar do problema: as restrições orçamentárias.

Do ponto de vista das construções, domina na região as casas de taipa, com embasamento em pedra. As construções e as cercas em madeira (fachinas) mostram a abundância de material de serrado. Caso a opção fosse pelas técnicas correntes, somente a construção do galpão de abrigo do centro de cultura consumiria boa parte do orçamento. Além de que seria um trabalho entregue a uma construtora que sairia de uma concorrência pública. Existiriam também pressões de vereadores locais para afastar a comunidade do campo das decisões denominadas como técnicas. Existe um campo em disputa do prestígio eleitoral e outro da obtenção de lucro sobre o projeto. Ambos os setores levam a uma possível má utilização do dinheiro disponível.



Figura 3 -Cerca em fachina.

A possibilidade de utilização da construção em Taipa Renovada permitiria a economia, associada à disponibilidade local de materiais e de trabalho dentro da cultura passada. O problema é que devido a uma percepção equivocada das secretarias da saúde pública, que vem recomendando a não construção em terra crua, taipa e similares, devido aos problemas sanitários ligados a doença de Chagas. Deste fato, a cultura da construção em solo cru, embora bastante econômica, é vista pela população como indesejada. Assim cabia esclarecer que o problema não está na construção em terra crua, na taipa em si, mas na sua forma de execução.



Figura 4 – Padrão construtivo local

O fato de se construir nesta técnica da taipa é conveniente no sentido do envolvimento dos moradores, pois sendo uma construção comunitária, em que todos, homens, mulheres e crianças podem participar efetivamente, servindo como um elo de união da comunidade.

Desta forma discutimos a possibilidade da taipa, aplicando um coeficiente tecnológico construtivo atual. Esta e outras discussões tiveram relevância na concepção do projeto e mesmo no escalonamento da demanda em outros projetos complementares que deverão atender a boa parte das solicitações.

A taipa do Centro de Cultura será utilizada com inovações tecnológicas, garantindo a durabilidade através do piso protegido da umidade, maior proteção das paredes através de impermeabilização e beirais maiores, entre outros. Além da melhoria da qualidade construtiva, a técnica, que chamamos de Taipa Renovada, oferece ótima resposta quanto ao conforto termo-acústico, é ecologicamente correta, já que não utiliza combustão para a queima de tijolos e não oferece resíduos industriais. De baixo custo, uma vez que o consumo de cimento e ferro torna-se bastante reduzido (utilizados somente nos baldrames) e que o

barro e a madeira para o enxamel são facilmente encontrados na região, reduzindo custos com transportes.

Nele, serão desenvolvidas atividades de dança, música, reativação de cultura da tecelagem e do uso do tear manual, integração e trocas de práticas culturais com outras comunidades do Ceará, trabalho de informação e cultura com o uso da Internet e meios computacionais e outros.

O Centro de Cultura contará inicialmente com uma construção que abrigará Varanda, Sala Multi-uso, Sala de Computação, Depósito, Copa, Sanitários e Cozinha Avarandada, tendo área construída 115.00m² e de área coberta 208.00m².



Figura 5 – Estudo Preliminar do Projeto.

Desta forma discutimos a possibilidade da Taipa Renovada, aplicando um coeficiente tecnológico construtivo atual. Esta e outras discussões tiveram relevância na concepção do projeto e mesmo no escalonamento da demanda em outros projetos complementares que deverão atender a boa parte das solicitações. A participação técnica nossa viabilizou o projeto considerando a contrapartida da comunidade. Quase 20% do valor do projeto puderam ser oferecidos como contrapartida da comunidade local. Sendo que também 10% dos serviços inclusos no projeto revertem para a comunidade local. Um dos ganhos importantes é o controle orçamentário do projeto, nas mãos dos seus interessados.

5. Conclusões.

O conhecimento tecnológico e as práticas projetuais em curso na cultura tecnológica brasileira são fortemente universalista e generalista, tendo pouca aderência à realidade nacional, à população local e à cultura regional. Apenas, de maneira superficial, a área de desenho industrial aborda e reconhece a existência de uma cultura negra, resultante da reelaboração da matriz africana no Brasil e toma esta em consideração para as atividades de concepção e desenho dos produtos. Esta ausência de reflexão tecnológica voltada para a diversidade da cultura, da população e dos problemas particulares e específicos dos grupos sociais faz parte de uma ideologia do profissional de arquitetura e de engenharia sobre o caráter exclusivamente técnico e neutro da atividade profissional. Reflete uma formação de profissionais de arquitetura e de engenharia pelas universidades com insuficiente base humanista e cultural brasileira para a leitura da realidade e apropriação dessa realidade através do exercício profissional.

Nas relações com o estado e com as instituições, mesmo universitárias, aparece um certo desconforto, por vezes algum espanto, quanto se faz abordagem ao projeto da Comunidade Negra Rural de Bom Sucesso. Soa quase sempre como estranha e desafiadora. São constantes

explicações diversas sobre o enfoque multidisciplinar, sobre a postura democrática de decisão e de consulta à comunidade. A racionalidade administrativa dos projetos habituais de engenharia e de arquitetura escapa à existência de conhecimento da experiência dos não-técnicos, sobretudo à dimensão da vontade e da definição de necessidade pelos usuários. Difícil a experiência de ouvir a comunidade, de propor e submeter a decisão técnica à avaliação do conjunto social. Mais difícil ainda é potencializar a comunidade para um uso da tecnologia empregada e desenvolvida a partir da informação local em consonância com a informação externa e profissional. Esta dificuldade já havíamos registrado em outros trabalhos quando da discussão sobre auto-construção e intervenção de profissionais de arquitetura junto à população (RAMOS, 2004). Um outro motivo de dificuldade conceitual é o elo das atividades profissionais sobre a idéia de cultura negra ou cultura de matriz africana no Brasil. Os resquícios das relações sociais conflitantes têm levado a população em geral, e principalmente as áreas técnicas a definir um consumidor de projetos universais e não fazer referências às relações étnicas brasileiras. Tal efeito leva sempre a justificar o que é população afrodescendente ou negra e a discorrer sobre a existência dessa cultura e das especificidades desta população de descendência africana. Este fato apresenta um problema do qual sempre fugimos e tentamos ignorar na sociedade brasileira de que a existência de identidades negras com especificidades e interesses particulares. Com também, que temos ignorado a existência, tanto nos aspectos conceituais como práticos, de territórios de maioria afrodescendente. Que estes territórios implicam em conhecimentos e posturas particulares. Que a construção social destes territórios se faz principalmente pela ausência da colaboração de profissionais das diversas áreas tecnológicas. A aborgem das afrodescendências e dos territórios de maioria afrodescendente apresentam um problema específico e de delineamento difícil para o desenvolvimento social, da engenharia e da arquitetura como elos de responsabilidade social solidária.

O desenvolvimentos de projetos com esta evidência de conceitos de sustentabilidade, capital humano, capital social, economia solidária, responsabilidade social, respeito à diversidade cultural, representatividade social estão ainda muito embrionários na sociedade brasileira e que tem ainda difusão bastante incipiente nas áreas de tecnologia. Esta constação nos leva a questionar de maneira insistente na formação profissional nada pluralista e muito menos humanista processadas pelas universidades brasileiras.

Referências.

CUNHA Jr., Henrique. "Africanidade, Afrodescendência e Educação." *Educação em Debate*, Ano 23, n. 42. Fortaleza, 2001, p. 05-15.

CUNHA JR., Henrique. "Afrodescendencia, Pluriculturalismo e Educação. *Revista Patio Pedagógica*". Número 06, Agosto-Setembro. Editora Artes Médica. Porto Alegre: 1998.

DAMIÃO, Flavia. (2005). *Anais da ANPED – 2005*. Outubro - Caxambu - MG.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARA – Secretaria de Desenvolvimento Local E Regional – SDLR - Projeto São José 1000. Contrato de Construção do Centro de Cultura Negra da Comunidade Rural de Bom Sucesso. Convênio Nº. 2005/1000. Fortaleza – CE – 15 de Julho de 2005.

IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal – Cartilha de Taipa – Outubro de 1987.

RAMOS, Maria Estela Rocha. "Auto-construção e Ensino da Arquitetura: uma discussão voltada para territórios de maioria afrodescendente". *Anais do XVII EPENN - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte Nordeste* - Junho / 2005 - Belém - PA

SANTIAGO, C. (2001) – *O Solo como Material de Construção*. Editora de UFBA. 2ª Edição. Salvador - Bahia.

SANTOS, Milton. "A metamorfose do Espaço Habitado". São Paulo: Ed. Hucitec 5ª edição. 1996.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo*. Fortaleza: Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceara, 2004.